RICRI
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A radicalização de comunidades online a partir de ideologias de ultradireita: a manosfera e a cultura *incel*

Laís Helena Fernandes Tavares de Farias [*]

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
[*]Autor correspondente. Email: laishfarias@gmail.com

Resumo

O artigo se debruça sob o processo de radicalização de comunidades online a partir da influência de ideologias de ultradireita, tomando como estudo de caso a Manosfera e a cultura *incel*. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi substancial a compreensão das origens, bases ideológicas e influências radicais que incidem em comunidades online e resultam, eventualmente, em processos de radicalização sob influência de ideais racistas, misóginos, xenófobos e autoritários. Nesse sentido, o artigo identifica que tais agrupamentos virtuais, sobretudo em formato de *chans*, vêm se tornando um espaço seguro para a proliferação de ideais de Ultradireita, uma vez que oferecem segurança e anonimato aos participantes. A Manosfera e a cultura *incel* se inserem nesse contexto, representando grupos organizados em plataformas digitais sob a orientação de ideologias de Ultradireita. No entanto, identifica-se a tendência contemporânea de normalização dessas ideias que ampliam sua influência e resultam em ações radicais no mundo real, correspondendo a uma agenda de pesquisa de impacto e com potencial de exploração.

Palavras-chaves: Ultradireita, Radicalização, *incels*, Manosfera.

1. Introdução

As eleições de 2016 nos Estados Unidos representaram o ápice de um processo de normalização de ideologias de Ultradireita, consolidando uma tendência global, definida como a "Quarta Onda", por Mudde (2019). A ascensão da Ultradireita refletiu politicamente tanto no Norte quanto no Sul global, sendo os Estados Unidos e o Brasil paradigmáticos nesse sentido. Tal processo chamou a atenção para a ampla mobilização de grupos organizados em comunidades online que atuaram diretamente nas campanhas políticas de lideranças de Ultradireita como Donald Trump e Jair Bolsonaro, demonstrando altos níveis de organização e coesão ideológica. O presente artigo, portanto, tem como objeto as comunidades online influenciadas por ideologias de Ultradireita, com foco na Manosfera e a cultura Incel.

O estudo de caso do artigo se debruça sobre a Manosfera e a cultura Incel, que são paradigmáticos no âmbito das comunidades online influenciadas por ideologias de Ultradireita, das quais se destacam a misoginia, o racismo e o autoritarismo. Apesar desses elementos ideológicos radicais não serem exclusivos dessas subculturas online, – o que no caso dos Estados Unidos é bastante evidente ao se analisar o lastro social, político e histórico que a Ultradireita tem no país – certamente, o ambiente da internet e a estrutura das plataformas digitais potencializam a atuação desses grupos (Pini 2021).

É essencial, portanto, compreender que fatores como a fragmentação da mídia, a globalização e a conectividade instantânea facilitada pela internet reduzem os espaços reais de convivência e socialização, que migram para ambientes virtuais sem leis e regulamentos. Nessas redes ocorrem processos de radicalização, pois todos podem expressar suas opiniões e se organizar em grupos que compartilham visões específicas de mundo, iniciando um processo de dessensibilização do mundo real (Pinto Neto 2019). Sendo assim, a pergunta de pesquisa que orienta o artigo é "como as ideologias de Ultradireita radicalizam comunidades digitais e as levam a um processo de culto a atentados violentos em massa?". O marco teórico vinculado ao conceito de Ultradireita se assenta nas proposições de Mudde (2019), Pini (2021) e Stanley (2018), que permitem a elucidação desse tema sob a ótica da radicalização de agrupamentos em ambientes digitais. A metodologia empregada no trabalho se dá pela delineação de uma reunião da literatura, caracterizando uma pesquisa qualitativa e teórica, a partir da análise descritiva da bibliografia, bem como a exploração de um estudo de caso pautado por dados qualitativos. Os resultados da pesquisa apontam que o elemento ideológico da Ultradireita está contido no fenômeno das comunidades digitais por meio da exploração de conteúdo racista e misógino, que associa a ação dos Incels a agendas políticas radicais.

A primeira parte do artigo aborda o marco teórico, apresentando definições e classificações acerca da Ultradireita e suas características contemporâneas. Posteriormente, o foco recai sob o objeto da pesquisa, que são as comunidades digitais radicais, identificando as subculturas dos fóruns online e dos chans, como o "/pol/". A terceira seção apresenta um estudo de caso sobre a Manosfera e a cultura dos Incels, que se pautam pelo discurso de ódio e pela linguagem agressiva, em um fenômeno influenciado por ideologias de Ultradireita.

2. A Ultradireita como *Background* Ideológico

O conceito de Ultradireita envolve uma parte do espectro político-ideológico que vai desde a direita radical até a extrema direita, acompanhando um processo de transformação do radicalismo em extremismo de caráter violento (Mudde 2000). Alguns elementos ultradireitistas compreendem racismo, xenofobia, nacionalismo, anti- democracia, nativismo, pessimismo cultural e exaltação de um passado glorioso a ser retomado (Macridis 1989, Falter e Schumann 1988, *apud* Mudde 2000; Stanley 2018). De modo geral, a Ultradireita carrega como princípio norteador a ideia de que a sociedade deve ser pautada por relações sociais hierárquicas, na qual um determinado grupo, associado a um gênero, raça, religião ou nacionalidade – ou mesmo um conjunto desses fatores – deve ser considerado superior (Pini 2021).

Através da busca pela imposição de uma ordem iliberal[1], a ideologia da Ultradireita é pautada pela criação de uma paranoia moral, em que existe um maniqueísmo constante de "Nós *versus* o Outro". Conforme essa narrativa, a civilização ocidental encontra-se em crise, causada, supostamente, pelas elites liberais e pelos avanços da modernidade – feminismo, os direitos dos imigrantes, os direitos civis dos negros, entre outros tópicos – que corroem as hierarquias sociais e contribuem para uma globalização multiculturalista que distancia o ocidente de seus valores tradicionais (Pini 2021). Sendo assim, o objetivo maior da Ultradireita é mobilizar pessoas por meio de preconceitos e ressentimentos, ao passo que formula uma metapolítica, ou "gramscismo de direita"[2], objetivando uma contrarrevolução na cultura hegemônica, que supostamente se encontra sob a experiência do marxismo cultural[3], degradante para os valores tradicionais e para a lei e ordem (Prado 2022; Stanley 2018).

Consoante a Mudde (2019), o cenário internacional vivencia a Quarta Onda de ascensão ultradireitista desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e se distingue das três primeiras devido ao advento da internet e da conquista pelo espaço mainstream na vida política do ocidente. Dessa forma, é indubitável que a ampliação do uso e da penetração das plataformas digitais no cotidiano das sociedades potencializou esse fenômeno (Pini 2021). Ao partir da premissa de que a internet é uma "terra sem lei", – devido à impunidade e ao brando controle que os Estados exercem no espaço – o ambiente online tornou-se favorável à criação de comunidades que elevaram o alcance das ideias da Ultradireita para diferentes setores da sociedade ocidental (Pini 2021).

No âmbito das plataformas digitais, destacam-se redes sociais como o Twitter, o Facebook e o Instagram, que correspondem à dimensão "visível" da internet, sendo, de fato, um espaço ocupado vastamente por comunidades de Ultradireita. No entanto, o extenso ciberespaço também é provido de ambientes *undergrounds*, conhecidos apenas por algumas bolhas da internet. Os fóruns, *channels*, ou *chans*, se encontram inseridos nas camadas menos populares da World Wide Web, e sua localização pode variar desde a *Surface Web* até a *Dark Net*, o ponto mais obscuro e quase inacessível dessas redes. Destaca-se que alguns chans mais famosos – 4chan, 8chan, Reddit, Incels.me – são vinculados a programações de assédio virtual contra personalidades públicas, ataques terroristas de Ultradireita e tiroteios em escolas (Prisk 2017; Dafaure 2020).

Sob esse prisma, a conotação humorística dentro dos *chans*, carrega um teor ácido e introdutório acerca dos ideais da Ultradireita, dotado de contextualizações que abarcam teorias da conspiração internacionais e ressentimentos por determinados grupos sociais. Em virtude disso, os indivíduos que são atraídos para o processo de radicalização possuem um histórico de descrença no *mainstream*. Mais precisamente, é no ambiente dos fóruns que o público mais comum nessas comunidades online se

1. O Iliberalismo se caracteriza pelo desprezo ao Estado de direito, bem como ao avanço liberal dos direitos das minorias e o multilateralismo, fragilizando as instituições democráticas (Idoeta 2019).

2. Prado (2021) destaca o "gramscismo de direita" como uma premissa do movimento de Ultradireita francês *Nouvelle Droite*, no qual é reivindicada a necessidade de uma Guerra Cultural, como primeiro passo para uma revolução, que se dá através da cultura, e, posteriormente, atinge a política.

3. Teoria da conspiração proveniente das guerras culturais dos anos 1990, que insere a Escola de Frankfurt como responsável por promover o colapso do Ocidente, por meio das pautas pró-imigração, feminismo, debate das questões raciais e de gênero. Discussões progressistas são distorcidas pelos conspiracionistas, que afirmam que o Marxismo Cultural é responsável por destruir a família e os valores religiosos, a identidade nacional, e estimular a perversão das crianças (Dafaure 2020).

identifica: adolescentes e jovens do sexo masculino, majoritariamente brancos (Griffin 2021).

A partir do estabelecimento do que se compreende como Ultradireita e como as plataformas digitais incorporam esse fenômeno ideológico, a seção seguinte busca se aprofundar nas comunidades online que se radicalizam a partir do *background* ultradireitista.

3. Comunidades digitais influenciadas pela Ultradireita

O objeto de pesquisa do presente artigo se refere às comunidades digitais que sofrem influência de ideologias racistas, xenófobas, autoritárias e nacionalistas associadas à Ultradireita. Os determinados agrupamentos são heterogêneos e pulverizados, não apresentando, geralmente, lideranças individuais devido ao fato de se beneficiarem do anonimato oferecido pela internet (Pini 2021).

Uma das principais comunidades que se inserem nesse recorte é a *Alternative Right*, uma espécie de *hub* da Ultradireita na internet. A Direita Alternativa surgiu nos Estados Unidos, rejeitando tanto os conservadores de direita quanto os liberais da esquerda estadunidense, o que demonstra uma susceptibilidade a ideologias radicais. Ao consolidar seu sustentáculo ideológico por meio de propostas ultradireitistas, emitindo discursos preconceituosos sobre etnias e gênero, com conteúdos neorreacionários e supremacistas, o movimento ganhou adeptos nos anos 2010, além de espaço de debate no *mainstream*, sobretudo no contexto da eleição de Donald Trump Dafaure (2020) e Pini (2021) Em síntese, segundo Prado (2021, 74):

> A *alt-right*, por não ter liderança centralizada e ser essencialmente on-line – contando com o anonimato que a internet possibilita – reuniu em suas fileiras desde libertários a neonazistas, paleoconservadores, supremacistas, grupos declaradamente misóginos, usuários de *chans* e partidos políticos radicais.

Dessa forma, entende-se a *Alt-Right* como um refúgio das vertentes de direita menos convencionais e mais tendenciosas ao iliberalismo. A Direita Alternativa consolida suas crenças a partir da supremacia branca, na qual a vitimização se coloca como o elemento central, ao expressar a suposta existência de um multiculturalismo destrutivo, fruto da globalização, que deturpa a civilização ocidental, um *turning point* para o *status-quo* dos cristãos brancos, a parcela da população em "ameaça pelo genocídio branco" (Stanley 2018; Mudde 2019).

Em consequência disso, o aspecto emotivo se mistura numa fusão de ressentimento, raiva e reivindicação, culminando em manifestações supremacistas, anti-imigração e de cunho neorreacionário, além de posturas xenofóbicas, racistas e misóginas, uma vez que rejeitam os avanços da democracia liberal vigente (Mudde 2019). A narrativa também consiste em dicotomias entre o bem e o mal. No que concerne a "Nós e o Outro", há uma espécie de demonização alheia, que transforma o Outro em um inimigo, uma ameaça a ser desesperadamente eliminada, visto que tal figura maligna destrói a identidade ocidental e contribui para o colapso da civilização branca.

O sustentáculo teórico da Direita Alternativa elenca recursos neorreacionários das teorias anti-globalistas e uma argumentação apocalíptica, que segue vestida com o manto do tradicionalismo. As articulações mais filosóficas da *Alt-Right* buscam justificar os comportamentos xenofóbicos, misóginos, racistas e a rejeição pela globalização

neoliberal, com argumentações nativistas e nacionalistas (PRADO, 2021). Nessa nebulosa, que contém diversas hipóteses conspiracionistas, de origens distintas, se encontram as crenças da existência de um "genocídio branco" proposto pelas elites globalistas, devido ao denso movimento de imigração; as conspirações de judeus para controlar o mundo; entre outras camadas mais profundas, que revelam argumentações cada vez mais paranoicas (Thorleifsson 2021). A difusão desse material normaliza o absurdo na sociedade e concede uma possibilidade para refletir positivamente acerca de um regime despótico (Prado 2021).

> Cria-se, portanto, uma realidade paralela particular. Essa crença em imaginar-se sabedor de algo que ninguém mais consegue compreender e/ou ver atua como um vetor no processo de radicalização se, por exemplo, essa "realidade redpillada" solicitar que se aniquile avanços civilizatórios. Se o redpillado tem a sua "verdade" própria, regras e normas sociais não lhes serão relevantes ou merecerão respeito" (Prado 2021, 157).

A linguagem memética e o vocabulário apropriado de filmes da cultura pop estadunidense seguem esculpindo a peculiar identidade *channer*, sob a égide de um *background* ultradireitista, onde apreciam o medievo, exaltam as tradições ocidentais e temem o colapso da civilização branca, provocada pela globalização (Dafaure 2020; Prado 2021). Acerca dessa lógica, é válido refletir sobre o impacto da misoginia de Ultradireita na mentalidade masculina, que combina um androcentrismo violento, reforçando estereótipos da masculinidade hegemônica, conjuntamente com um processo de politização radical direitista, iniciado através da própria inserção nos fóruns, e da atração gerada pelos memes de humor degradante.

Sob esse prisma, é importante ressaltar o elemento do ódio como combustível para a ação violenta, o estágio final do processo de radicalização. A reformulação do ódio ultradireitista se expressa na Quarta Onda de ascensão da ideologia, através do ciberespaço, no qual ocorre um processo de *rebranding* ideológico, onde as narrativas racistas, misóginas e xenofóbicas se adaptam a novos moldes sociotécnicos, sendo o elemento do meme um recurso fundamental que atrai indivíduos para a imersão no imaginário da Ultradireita (Munn 2023). Mais precisamente,

> O ódio digital altera os comportamentos associados ao ódio, criando algumas novas práticas e atualizando outras. O ódio digital retrabalha o consumo e a distribuição do ódio, estabelecendo novos circuitos para compartilhar pontos de vista e disseminar ideologias. E o mais importante, o ódio digital aumenta o fascínio do ódio, suavizando sua abordagem, ampliando seu apelo a um grupo demográfico mais amplo e intensificando seu controle sobre o eu (Munn 2023, 16 – tradução da autora).

A seguir, discutem-se algumas comunidades digitais de Ultradireita mais específicas, que servem como *hub* para a organização de subculturas como a Manosfera e os Incel.

3.1 Os extremistas dos subfóruns /pol/

Os *channels* tiveram sua aparição pela primeira vez na internet em 1999 e se multiplicaram durante o início do século XXI (Klepek 2015). A comunidade analisada nessa subseção é o /pol/, ou "Politicamente Incorreto", que já foi identificado em vários fóruns (Baele, Lewys e Coan 2021). O ambiente dessa comunidade demoniza o *mainstream*, que seria controlado por elites políticas e econômicas em um plano de dominação global. Tal argumentação segue repleta de teorias da conspiração, que

disseminam desinformação e dados enviesados, propostos para gerar ódio, em conjunto com a sensação de estar despertando para uma percepção verídica das estruturas de poder e seus objetivos (Elley 2021). Destaca-se esse fórum em particular por ser uma "porta de entrada" das comunidades digitais radicalizadas por ideologias de ultradireita, ajudando na organização e divulgação das diversas subculturas radicalizadas presentes na internet.

O *ethos* sádico e dotado de ódio de alguns frequentadores funciona como uma câmara de eco, que incentivam discursos e práticas extremistas, buscando construir seu discurso intolerante sob a narrativa da liberdade de expressão (Caetano 2019). Através dessa distorção acentuada sobre a noção de exprimir opiniões, o discurso odioso se populariza e transborda dos fóruns para as redes sociais, como uma articulação da voz dessas comunidades. Nesse segmento, as fronteiras precárias entre a liberdade de expressão e a intolerância disseminada nessas plataformas compõem um elemento fundamental para o início do processo de radicalização de indivíduos pela esfera virtual. Além disso, o anonimato de quem frequenta e participa nos fóruns é garantido, criando um escudo que impede o usuário de ser exposto (Doria 2019). Ao adentrar nos espaços mais profundos, criptografados e de localização restrita, a Deep Web e a Dark Net acolhem chans mais violentos e explicitamente extremistas, além de conteúdos neonazistas, abusos, pornografia infantil, e até assassinato (Johnson e Helsen, 2016 *apud* Hine et al. 2017; Baele, Lewys e Coan 2021).

A inspiração filosófica, que inicia o processo de radicalização, é a interpretação apropriada da saga Matrix, ficção científica das irmãs Lana e Lilly Wachowski. A adaptação do pensamento se popularizou com Mencius Moldbug, no seu texto *The Case Against Democracy: Ten Red Pills* (Prado 2021). No primeiro filme, Matrix (1999), o protagonista Neo se depara com um dilema: tomar a pílula vermelha (*redpill*) e descobrir a verdade sobre a civilização e o sistema; ou tomar a pílula azul (*bluepill*) e viver num mundo de alienação, "a ignorância abençoada" (Ruffo 2021). Nos anos 2010, a teoria da pílula vermelha adentra o universo dos chans, com seu próprio subfórum no Reddit, "r/TheRedPill" (Prado 2021, 136).

A verdade dolorosa possui suas origens no *establishment*, que acreditam estar corrompido por grupos minoritários e elites liberais, com o propósito de dominar os principais acontecimentos do globo. Nesse sentido, "tomar" a *red pill* significa a escolha por obter o conhecimento dos mistérios do jogo de poder político e das verdades secretas (Prado 2022). Em oposição, a *blue pill* culmina num permanente estado de "adormecimento" em relação aos fatos, isto é, a preferência por acreditar nas premissas da grande mídia e do *establishment*. Outro entendimento que ilumina os subfóruns /pol/ é o consenso entre ideologias extremistas e a linguagem dos memes como um vínculo de pertencimento e frequência nos *chans*. A sensação de construir uma identidade comum – baseada no discurso de ódio e na troca de pensamentos desconcertantes – alimenta o senso de comunidade entre o público-alvo majoritário dos fóruns: jovens brancos e frustrados com o avanço liberal e a mudança de paradigmas (Dafaure 2020).

O humor irreverente e as fantasias de violência, que subvertem as fronteiras entre o real e o virtual, carregam um pessimismo cultural e posicionamentos xenofóbicos e racistas, estabelecendo uma espécie de teatro, no qual a civilização branca ocidental é vítima dos imigrantes, indivíduos que sofreram um processo caricatural e estereotipado

Figura 1. Conteúdos principais da linguagem memética ultradireitista.

Nota: Da esquerda para a direita: junção dos memes Happy Merchant e Wojak, num caricato meme antissemita; a estética neorreacionária do Fashwave; o meme neonazista Pepe the Frog; comparação entre a bandeira nazista e a do Kekistão, um reino imaginário criado por usuários do 4chan. Fontes: 4PLEBS, 9GAG (2020), Berlinski (2016) e ParlamentoPB (2018).

nos *chans*. Um exemplo de "memeficação do Outro" é o *Orcposting*, – derivado do filme Senhor dos Anéis – uma tentativa de delinear os islâmicos como selvagens e de má índole (Dafaure 2020). Outrossim, latinos, negros e outras minorias imigrantes são intitulados de ladrões e estupradores, além de serem representados nos memes de forma caricata.

O dualismo civilizados e bárbaros, na linguagem memética, traz um apelo supremacista e alimenta o ódio ao Outro, visto que a narrativa ultradireitista necessita de um culpado pelo "colapso ocidental" – judeus, muçulmanos, negros e não-ocidentais são os principais alvos. O "Outro" deve servir de alvo para a humilhação, opressão e desumanização, ocorrida pela imposição do humor sombrio, que dilacera a dignidade de tais etnias e grupos sociais (Farias 2022). Em contrapartida, utilizam o subterfúgio da ironia para justificar que o meme é de intuito humorístico e não possui conotação discriminatória.

O discurso de ódio, entrelaçado com o humor ácido dos memes, torna a narrativa mais maleável, o que contribui para uma melhor absorção do conteúdo entre os adolescentes e jovens, público-alvo que se destaca em tais espaços. Nesse ambiente, o complexo de superioridade adquirido pela *red pill* isola os usuários dos fóruns, segregados em comunidades virtuais que se julgam detentoras do conhecimento verdadeiro e do sangue puro (Dafaure 2020).

As táticas de *trolling*[4], de vazamento de fotos e dados pessoais dos alvos virtuais de ataque estimulam um cenário de ciberguerra, onde os potenciais hackers dos fóruns buscam prejudicar a imagem de seus "inimigos", disparando ofensas coordenadas em comentários de postagens do insultado, objetivando um contra-ataque emocional ou a desestabilização psicológica do indivíduo agredido (Prado 2021). O assédio online estratégico, por meio das redes sociais, revela o fenômeno do transbordamento da cultura *channer* extremista, nascida nas profundezas da internet, e emergida para a superfície.

A partir desse raciocínio, é interessante salientar que as redes sociais também colaboram com o caminho de radicalização, visto que as subculturas se unem em

4. *Trolling* é uma forma de atacar algum indivíduo online por meio de ofensas e argumentos que levem o insultado a reagir emocionalmente (Prado 2021).

páginas, canais de vídeos e perfis recheados de linguagem memética, além da condução do algoritmo dessas plataformas, que buscam garantir a satisfação e a preferência daquele consumidor (Orazem 2022). Em relação às camadas da internet, o estudo de Baele, Lewys e Coan (2021) afirma que os conteúdos dessas comunidades vão se tornando cada vez mais problemáticos, à medida que a moderação, o fácil acesso e o *mainstream* ficam distantes, caracterizando diversos tipos de discriminação, em um universo fragmentado de ressentimentos por etnias ou grupos sociais diferentes.

Ao reunir motivações, amizades incentivadoras de paranoias e de agressões, e uma bagagem cultural que sobrevive pela narrativa de uma realidade paralela, o processo de radicalização de um indivíduo pode tomar rumos decisivos e desastrosos para a sociedade. A necessidade de eliminar o inimigo ameaçador da civilização (Hofstadter, 1964 *apud* Dafaure 2020, 17), em alguns episódios, culmina nos *mass shootings*, ou tiroteios em massa, exaustivamente estimulados pelos usuários dos chans e por seguidores de perfis de humor obscuro, como uma forma de reivindicar supremacia branca, virilidade e masculinidade, fruto de concepções tóxicas de papéis de gênero e do histórico ideológico já assimilado durante a radicalização (Caetano 2019).

4. A manosfera radical e os celibatários involuntários

Sob primeiro olhar, é substancial reconhecer a Manosfera como uma grande árvore, que detêm raízes e articulações diversificadas, ligadas por um elemento em comum: a misoginia antifeminista da Ultradireita. Durante a segunda década do século XXI, o grupo ampliou seus horizontes online e promoveu suas ideias, que atraíram inúmeros jovens com necessidades socioafetivas variadas (Gosálvez 2022), como também adicionaram um background político ao discurso, no qual posiciona seu ponto de partida na premissa da existência de uma sociedade ginocêntrica. A esfera masculina adquiriu um aspecto de supremacia varonil, frente à suposta hegemonia cultural misândrica, compartilhando seus pensamentos nos fóruns, páginas e blogs, que sustentam seus argumentos com teorias da conspiração, dados tendenciosos e achismos sem fundamento científico (Thorleifsson 2021).

Dentro da Manosfera, se encontra a subcultura "Incel", que vem crescendo exponencialmente desde 2014 (Townsend 2022). Os celibatários involuntários, ou incels, são uma comunidade que data dos anos 1990, a partir da criação do *"Alana's Involuntary Celibacy Project"*, um site destinado a ser um ambiente virtual de apoio para pessoas com dificuldades de engatar em relacionamentos amorosos ou sexuais (Ruffo 2021). Posteriormente, a fundadora do projeto notou a esfera hostil na qual a página se transformou, e descreveu o público-alvo como homens mal-sucedidos no aspecto amoroso e sexual, que destilam ódio contra mulheres e contra outros homens que possuem uma vida exitosa, como também são dotados de baixa auto-estima, praticam a auto-rejeição e submetem suas cosmovisões em memes de humor bizarro (Hoiland, 2019, 2, *apud* Ruffo 2021, 18).

Nos anos 2010, a comunidade incel passou por um processo de uma radicalização, em que a raiva reprimida passou a ser despejada nos ambientes virtuais dos chans. Nos pontos principais da incelosfera, nota-se uma crescente degradação da condição feminina nas discussões, em especial, entre 2016 e 2022 (Baele et al. 2023, 13–14). Em face disso, na esfera dos chans e das páginas, foi edificado um novo vocabulário

(*chanspeak*), que funciona como uma chave para o pertencimento da comunidade.

A origem do ódio e da misoginia pode ser proveniente de fatores psicológicos, políticos e sociais (Baele et al. 2023). Nesse sentido, o conteúdo incel vocifera problemas psicossociais e ansiedades fomentadas pelo discurso da Ultradireita. O preconceito se origina a partir de quatro sentimentos: a crença na superioridade, o alheio como diferente e inferior, a reivindicação pela manutenção dos privilégios e o temor pela derrocada do *status-quo* (Blumer, 1958 *apud* Scaptura e Boyle 2020, 280).

Com efeito, as inquietações e frustrações internas se voltam para as graduais transformações que o movimento feminista proporcionou ao universo das mulheres, o que é percebido como uma ameaça de status, visto que fatores externos à esfera masculina desafiam o patriarcado e promovem o empoderamento feminino. No que tange à paranoia de perda da masculinidade, os comportamentos tradicionais de gênero são expostos. A validação e supercompensação do homem compreendem posturas violentas, competitividade, imposição do respeito, sexismo e homofobia (Scaptura e Boyle 2020, 280).

A agressividade está atrelada à percepção varonil e militarizada da sociedade, – na visão da masculinidade hegemônica – em que, em um suposto passado glorioso, os homens eram os heróis da nação, na linha de frente das batalhas, provendo a segurança da pátria e o bem-estar da sua família. O uniforme, a nacionalidade e o simbolismo do sangue derramado faziam parte da masculinidade, validando papéis de gênero, numa hierarquia masculino-feminino estabelecida (Stanley 2018).

Os celibatários involuntários se colocam nessa posição por afirmar que suas relações com mulheres foram corrompidas pelo empoderamento feminista, apontando a conquista dos direitos das mulheres, e fatores como falta de beleza física, para justificar seu fracasso no aspecto amoroso e sexual, também culpando outros homens "bem sucedidos" no campo dos relacionamentos (Ruffo 2021). Por esse caminho, há uma mistura de baixa autoestima e desvalorização de si mesmo, com um grau de complexo de superioridade e de "genialidade" incompreendida. Ao passo que os incels se julgam feios demais e perdedores na "loteria da genética" para entrar em um relacionamento, os mesmos consideram o sexo masculino como prevalente, inferiorizando a condição feminina por meio de adjetivos degradantes, como "femoide" (Baele et al. 2023).

Além do ódio nutrido pelo sexo feminino, está a reivindicação por uma parceira, tendo em vista que, no imaginário dos celibatários involuntários, é exigido que sua condição de solidão seja quebrada, inferindo que as mulheres devem suprir as necessidades sexuais dos homens, e a recusa pelo ato é considerada uma opressão à masculinidade e as hierarquias naturais de gênero (Ruffo 2021). Essas suposições estão organizadas em cinco postulados: a maldade feminina, a masculinidade oprimida, a exaltação e desejo dos papéis de gênero tradicionais dos homens, a sociedade sendo vista como um mercado sexual, e a atuação da violência para justificar a necessidade de contornar os obstáculos enfrentados pelos homens (O'Malley et al., 2020 *apud* Baele et al. 2023).

A narrativa incel discorre que o feminismo tornou as mulheres interesseiras e cruéis, sendo desejado o retorno aos tempos em que o homem escolhia uma moça para casar – seu arbítrio não era significante para recusar. A liberdade feminina consiste em uma ameaça de status na bolha dos homens, que são criados com a mentalidade esclarecida sobre seus privilégios sociais e estruturais. Os celibatários involuntários

acreditam ser necessário que haja um retorno para épocas mais patriarcalistas, pois a tradição demanda uma noção de dominação do corpo da mulher pelo homem, através da submissão feminina e das hierarquias sociais, com um *status-quo* estável e intrínseco nas estruturas de poder, o que contrasta com a modernidade "decadente e desestabilizadora" afirmada pela subcultura (Ruffo 2021).

Há uma mistura de sentimentos negativos e de expectativas irreais acerca da realidade, no qual a auto-rejeição e um espírito egóico dado pelo privilégio do status-quo do homem branco se combinam, resultando na percepção de uma rejeição feminina enquanto uma ameaça às estruturas já consolidadas. Devido a isso, surge a necessidade da expressão da masculinidade hegemônica, como um grito de guerra para influenciar crimes e traçar uma cultura de martírio, que almeja retomar a uma ordem anterior do Ocidente branco, onde o patriarcado estava mais consolidado (Fitzgerald 2020).

A filosofia incel é constituída por traços ultradireitistas, um racismo pseudocientífico dotado de informações tendenciosas, além de uma tentativa de estabelecer uma hierarquia social que desvaloriza a condição feminina. A *redpill* de Mencius Moldbug é articulada na Teoria das Pílulas da Manosfera. Dessa forma, a pílula vermelha seria o momento no qual o indivíduo enxerga o movimento feminista como um acontecimento negativo, pois sente seu *status-quo* ameaçado, o que contribui para a imposição do que Messerschmidt (2000 *apud* Scaptura e Boyle 2020) nomeia de recursos masculinos: a agressividade, o desprezo e objetificação das mulheres, perpetuando as hierarquias de gênero. Já a *bluepill* está relacionada ao estado de "adormecimento" enfrentado por homens que se recusam a obter essa visão, considerada pelos incels como a verdade acerca dos relacionamentos heteronormativos. Ser *bluepillado* consiste em persistir por engatar em uma relação com uma mulher – que o domina e o maltrata – e rejeitar o ódio e tristeza da comunidade (Ruffo 2021).

A hierarquização da subcultura propõe castas caricatas da vivência jovem, ao afirmar que a sociedade consiste em um mercado sexual (O'Malley et al., 2020 *apud* Baele et al. 2023). Portanto, os homens são divididos entre alfas e betas. Representados pelo satírico e estereotipado Chad, os alfas possuem o "monopólio das relações sexuais" (Ruffo 2021, 22), anunciando um homem branco de habilidades sociais elevadas, bem sucedido e respeitado entre as mulheres, e exala um considerável nível de masculinidade hegemônica, além de obter características físicas favoráveis. Em contrapartida, os betas são associados aos *bluepills*, sendo uma categoria secundária na hierarquia, pela sua falta de auto-respeito e negação da suposta existência de uma dominação feminina, se conformando com a perpetuação dos "privilégios ginocêntricos". Também, são vistos como fracos, carentes, e escolhidos pelas mulheres apenas pelo apoio prestado e pela sensação de segurança, sendo submissos (Ruffo 2021).

Já os incels são considerados como *redpillados*, por compreender o mercado sexual, no qual mulheres estão em alta procura por homens alfas, colocando os betas em segundo plano e humilhando os celibatários involuntários, pela sua falta de beleza física e suporte financeiro. A hierarquia estabelecida é dotada de uma vontade de glória e poder (Stanley 2018), naturalizando uma estrutura que foi, paranoicamente, criada. Ao compreender a filosofia da incelosfera, conclui-se que o processo de radicalização dos incels, através da escolha pela *redpill*, inicia um ciclo onde o celibato "imposto" abre margem para a necessidade de transformação da modernidade "maléfica", que,

em alguns episódios, pode culminar em suicídios ou tiroteios em massa, com o fito de propalar o ideal dos incels e sua causa, através da força da internet e pela repercussão dos crimes na grande mídia (Ruffo 2021).

A incelosfera também possui seus ídolos "imaculados", nomeados de sanctos, por findarem suas vidas em prol de um ideal, assim como mártires (Prado 2022). Sua abordagem quase religiosa, recordando traços medievais, pretende firmar uma espécie de canonização, por meio de grandes atos terroristas celebrados pela comunidade dos incels. A partir dessa argumentação, o simbolismo da manutenção da virgindade até a morte, do derramamento de sangue e do sacrifício, causados por uma revolta supremacista e reacionária, funcionam como um rito de purificação pelo sofrimento vivido, escolhendo como seu ato final o autoflagelo (Edwards 2018).

É reconhecido que a cultura incel já influenciou casos de massacres violentos nos Estados Unidos, exemplificando o potencial de radicalização do movimento. O massacre de Isla Vista, na Califórnia, é paradigmático nesse sentido e fez o mundo reconhecer as ideias dos celibatários involuntários, que, até então, eram despercebidos fora das profundezas do espaço virtual. O "Dia da Retribuição", como o autor do crime descreveu seu ato, em maio de 2014, foi planejado após sucessivas tentativas mal exitosas de conquistar garotas, no estilo da sedução sexista da manosfera (Kelly et al. 2021, 6). A angústia carregada pelo "cavalheiro supremo" – como é intitulado na comunidade incel – é munida da necessidade de vingança, expressando um comportamento de desumanização e objetificação da condição feminina. Em última instância, a "retribuição" requer a instalação do terror entre as mulheres, que permitiam o "sofrimento" do criminoso.

Ao centralizar essa perspectiva, o autor do massacre de Isla Vista contribuiu para os postulados dos celibatários involuntários no seu manifesto, afirmando que possui o direito de ter relações sexuais com mulheres, deliberando uma ideia de servidão desumanizadora; a função feminina como a de oferecer prazer aos homens (Kelly et al. 2021). Assim, a visão da figura feminina está envolta pela conotação exclusivamente sexual, limitada pelo corpo como objeto de prazer. Por conseguinte, a rejeição é acompanhada por um sentimento de humilhação, espécie de vitimismo que promove uma segregação entre homens brancos – que "merecem" desfrutar de mulheres brancas – e homens não-brancos, considerados inferiores, o que demonstra mais um elemento fundamental da Ultradireita: o racismo.

5. Conclusão

Em primeiro plano, a exposição do *background* ultradireitista sob o alicerce das abordagens de Mudde (2019), Pini (2021) e Stanley (2018) revela como a ideologia se pauta pela ordem iliberal maniqueísta entre "Nós e o Outro", dividindo a sociedade de forma hostil. Nesse contexto, é destacada a noção da Quarta Onda de ascensão da Ultradireita no cenário internacional (Mudde 2019), marcada pela exposição da corrente nos debates públicos, como também a sua forte articulação através da internet, agregando elementos como teorias da conspiração internacionais e a mobilização de pessoas por meio de preconceitos, a favor do fim do "politicamente correto". A partir disso, a Direita Alternativa surge, no âmbito da internet, fortalecendo a disseminação do viés ultradireitista. Com efeito, as bolhas *underground* da internet, reunidas nos

chans, páginas e redes sociais, são afetadas pelo discurso de ódio e humor degradante, mobilizando amplas comunidades digitais voltadas à propagação de ideologia de Ultradireita.

As comunidades digitais escolhidas para serem analisadas se organizam em torno do *chan* "Politicamente Incorreto", ou "/pol/". Nesse espaço, subculturas distintas convergem, no entanto, todas possuem pontos em comum, como o *background* ultradireitista e as posições neorreacionárias. O /pol/ é um subtópico que ganhou espaço em diversos fóruns, caracterizando-se pela sua abrangência de abordagens extremistas, incluindo racismo, misoginia e xenofobia, através de discussões com dados enviesados e memes de conotação problemática.

Os celibatários involuntários se utilizam do mesmo mecanismo da linguagem memética, mas se voltam para a disseminação de ódio contra as mulheres e a visão da condição feminina enquanto um corpo de objetificação e subserviência, para a perpetuação da dominação masculina. Inserida no âmbito da Manosfera, os Incels representam um paradigma de comunidades digitais influenciadas por ideologias de Ultradireita que, eventualmente, extrapolam a esfera digital e levam seu radicalismo ao mundo real, levando, inclusive, a massacres com uso de arma de fogo, como foi o caso de Isla Vista, em 2014.

Destarte, tendo em vista que a Ultradireita se consolidou como um fenômeno em ascensão no século XXI no cenário global, e conquistou um vasto espaço na política, no debate público e em todas as camadas da internet, torna-se inegável a influência da ideologia entre comunidades online, por meio das subculturas do /pol/ e dos Incels. A construção de narrativas paranoicas, somado às pretensões neorreacionárias patriarcais, o vitimismo das teorias da conspiração e os diversos tipos de discriminação expressos se fundem no elemento do meme, – enquanto unidade cultural de dispersão veloz através da *World Wide Web* – o que torna a Ultradireita mais acessível e radical nas bolhas digitais.

Portanto, o processo de radicalização de indivíduos online se caracteriza pela moldagem de atração ideológica, que se esconde no humor degradante, localizados nos chans, nos blogs e redes sociais, levando, eventualmente, a ações no mundo real. O clímax desse fenômeno se dá pela ação dos *mass shootings*, que são planejados visando uma espetacularização do ato, para dar voz à causa e ganhar glória e fama dentro das subculturas, bem como focam em um determinado público-alvo que supostamente "ameaça" a civilização ocidental.

Acerca dessa lógica, é fundamental reconhecer o escopo da pesquisa na formulação do debate público acerca do tema, no intuito de desconstruir as premissas que a Ultradireita impôs ao *mainstream* na Quarta Onda de ascensão. Ao ressaltar o processo de radicalização de comunidades digitais para o rumo extremista de direita enquanto uma problemática que tange à segurança social e aos resultados da desregulação da internet e da mídia, faz-se mister desenvolver agendas de pesquisa que procurem apresentar outras variáveis do problema, como também formas de erradicar os ambientes, iniciar um processo de mudança de mentalidade entre os jovens, no intuito de afastá-los do humor sombrio e dos diversos caminhos que a Ultradireita traça para a atração das diferentes faixas etárias.

Recebido em: 08/06/2023.
Aprovado em: 07/11/2023.

Referências

4PLEBS. Acesso em 20 Nov. 2023. https://i.4pcdn.org/pol/1418401720016.jpg.

9GAG. 2020. *Retrowave - Wallpaper.* Acesso em 20 Nov. 2023. https://br.pinterest.com/pin/libertarian-aesthetic--1004513891861597264/.

Baele, S., B. Lewys e T. Coan. 2021. Variations on a Theme? Comparing 4chan, 8kun, and Other chans' Far-Right "/pol" Boards. *Terrorism Research Initiative: Perspectives on Terrorism* 15 (1): 65–80.

Baele, Stijn et al. 2023. A Diachronic Cross-Platforms Analysis of Violent Extremist Language in the Incel Online Ecosystem. *Terrorism and Political Violence.*

Berlinski, C. 2016. American Anti-Semitism Breaks My Heart. Acesso em 20 Nov. 2023, *Ricochet,* https://ricochet.com/337047/american-anti-semitism-breaks-heart/.

Caetano, B. 2019. Homens, armas e chans: a receita para o massacre. Acesso em 03 Mar. 2023.

Dafaure, M. 2020. The "Great Meme War": the Alt-Right and its Multifarious Enemies. *Angles: New Perspectives on the Anglophone World,* 1–28.

Doria, P. 2019. A ideologia assassina dos chans. Acesso em 03 Mar. 2023.

Edwards, S. 2018. Saint Elliot Rodger and the 'Incels' Who Canonize Him. Acesso em 03 Mar. 2023.

Elley, B. 2021. "The rebirth of the West begins with you!"— Self-improvement as radicalisation on 4chan. *Hummanities & Social Sciences Communications.*

Farias, L. H. 2022. Como os memes podem reeleger Bolsonaro, segundo a Janela de Overton. Acesso em 24 Jan. 2023.

Fitzgerald, K. C. 2020. Mapping the Manosfere: a Social Network Analysis of the Manosphere on Reddit.

Gosálvez, P. 2022. 'Manosfera': Donde se quieren los hombres que odian a las mujeres. Acesso em 15 Mar. 2023.

Griffin, J. 2021. O mundo sombrio dos 'incels', celibatários involuntários que odeiam mulheres. Acesso em 03 Mar. 2023.

Hine, G. E. et al. 2017. Kek, Cucks, and God Emperor Trump: A Measurement Study of 4chan's Politically Incorrect Forum and Its Effects on the Web.

Idoeta, P. A. 2019. Iliberalismo: o 'eixo' global que, para alguns analistas, poderá incluir o Brasil. Acesso em 15 Mar. 2023.

Kelly, M. et al. 2021. Misogynist Incels and Male Supremacism. Acesso em 03 Mar. 2023.

Klepek, P. 2015. The Maker Of The Trollface Meme Is Counting His Money. Acesso em 15 Mar. 2023.

Mudde, C. 2000. *The Ideology of the Extreme Right.* Manchester University Press.

———. 2019. *The Far Right Today.* Polity Press.

Munn, L. 2023. Red Pilled – The Allure of Digital Hate.

Orazem, E. 2022. Como as redes sociais podem fomentar o extremismo em jovens? Acesso em 24 Mar. 2023.

ParlamentoPB. 2018. Bandeira inspirada no nazismo é exibida em manifestação pró-Bolsonaro. Acesso em 20 Nov. 2023, *Parlamento PB,* https://parlamentopb.com.br/bandeira-inspirada-no-nazismo-e-exibida-em-manifestacao-pro-bolsonaro/.

Pini, A. M. 2021. Desinformação e Populismo de Direita Radical: As eleições de Donald Trump em 2016.

Pinto Neto, M. 2019. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. *Dialogia,* número 33, 178–191.

Prado, M. 2021. Tempestade Ideológica – Bolsonarismo: a Alt-Right e o Populismo Iliberal no Brasil.

———. 2022. Red Pill – O guarda-chuva da mentalidade conspiratória e o Pipeline para o Neofacismo: radicalização online e extremismo. Acesso em 23 Jan. 2023.

Prisk, D. 2017. The hyperreality of the Alt Right: how meme magic works to create a space for far right politics, 1–13.

Ruffo, E. S. 2021. O Fenômeno Contemporâneo dos Incels: uma investigação psicanalítica.

Scaptura, M. N. e K. M. Boyle. 2020. Masculinity Threat, "Incel" Traits, and Violent Fantasies Among Heterosexual Men in the United States. *Feminist Criminology* 15 (3): 278–298.

Stanley, J. 2018. *Como Funciona o Fascismo: A Política do Nós e Eles.* L&PM editores.

Thorleifsson, C. 2021. From cyberfascism to terrorism: On 4chan/pol/ culture and the transnational production of memetic violence. *Nations and Nationalism* (Oslo), 1–16.

Townsend, M. 2022. Experts fear rising global 'incel' culture could provoke terrorism. Acesso em 15 Mar. 2023.